
INTRODUÇÃO

Até o surgimento da moda como sistema, o vestuário não delimitava território segundo o sexo. Foi só no final da idade média que a vestimenta sofreu uma transformação que instituiu uma diferença muito marcada entre os trajes masculinos e femininos. De acordo com Lipovetsky (2009), essa mudança drástica lançou as bases da indumentária moderna, padronizou as silhuetas e forjou uma ideia que foi difundida por toda Europa e, depois, pelo mundo ocidental: um sistema aberto para as mulheres (saia, vestido) e um sistema fechado para os homens (as calças). Esse padrão foi mantido de geração em geração e a moda, em suas diferentes manifestações, exerceu um papel fundamental na criação e propagação de discursos e representações que ajudaram a legitimar e perpetuar essa diferença na estética dos sexos.

Ao mesmo tempo que a moda passa por diferentes formas de expressão e está em constante mudança, podemos apontar, também, seu caminhar junto à política, ocupando um lugar indiscutível no ativismo social de todos os tempos. Muitas vezes como inspiração, outras tantas em parceria muito próxima, a moda e a arte, por meio de suas diferentes linguagens, possibilitam questionar padrões, quebrar paradigmas e olhar a realidade sob novos ângulos. Alguns artistas/*designers* fazem de suas obras um discurso fomentador do desenvolvimento social, imprimindo na sua arte uma expressão de resistência e transgressão.

É o caso de alguns artistas do século XX. Segundo Garza (2015), no século passado a arte tradicional se transforma, dando lugar à diversidade de explorações empreendidas pelas vanguardas artísticas. Ganha força a arte performática, acontecimento que apresenta o artista em ação, usando o corpo diante do público e, com o intuito de esquecer o passado e misturar arte com vida cotidiana, alguns artistas centraram suas atenções na vestimenta.

O objetivo do presente artigo é fazer um breve comparativo entre dois acontecimentos singulares da história da arte e da moda, que colocaram a vestimenta como foco principal das suas obras e deram à saia o papel mais importante nas suas apresentações: o icônico *new look* de Christian Dior, com sua famosa saia *corolle*, e o polêmico *new look* de Flávio de Carvalho, com sua irreverente e revolucionária saia curta. Ditas expressões compartilhavam o nome, mas diferiam em intenção. Enquanto a primeira procurava resgatar a feminilidade das mulheres perdida nos anos de guerra, a segunda procurava conceber um tipo de roupa masculina mais adequado ao clima de um país tropical. A proposta deste artigo é acompanhar, por meio dessas manifestações artísticas, a trajetória de uma peça de vestuário, a saia, que com o passar dos séculos tem se transformado e reinventado de maneira considerável e, quando é constituída dentro do pronunciamento artístico, tem o poder de ressignificar alguns códigos. Com esta breve reflexão, procura-se um maior entendimento sobre o papel da roupa na sociedade e sua capacidade de mudar os caminhos tradicionais, confundir categorias, provocar a moral e quebrar alguns preconceitos.

NEW LOOK(S)

Ao longo do século XIX, a moda instalou-se por completo no mundo ocidental. De acordo com Lipovetsky (2009), a burguesia ascendeu ao poder e passou a impor na sociedade seus padrões de gosto e de comportamento, fazendo surgir uma costura de alto padrão estético e de acabamento impecável, para atender às exigências de uma classe sofisticada e de gosto refinado. Iniciou-se então uma nova fase na moda denominada de “Alta-Costura”, a qual pretendia fazer moda da mesma forma que se faz arte, de forma exclusiva, autoral e com liberdade criativa.

Mesmo que a costura não seja formalmente considerada uma arte, alguns estilistas têm sua genialidade reconhecida como artistas, como no caso de Christian Dior, figura aclamada quase consensual e mundialmente como uma espécie de realeza da moda.

Dior foi o estilista mais cultuado e admirado no mundo. Seu nome sempre foi associado a elegância e sofisticação. Em 1947, inaugurou sua maison na França, lançando uma icônica coleção que chamou de: *Ligne Corolle*, mesma que passaria a formar parte importante de todos os futuros livros de *design* e história da moda. Com a coleção, o estilista propunha uma renovação da silhueta feminina após os tempos difíceis da segunda guerra mundial, quando foram impostas severas restrições para o uso de materiais empregados na produção do vestuário, eliminando exageros e simplificando a vestimenta feminina. A ideia da

coleção era devolver às mulheres da época a imagem de sonho que tinham perdido nos anos anteriores. Sobre o estilo proposto por Dior, Quintino comenta:

O estilo idealizado por Dior cumpria o destino da moda em fazer retornos ao passado, como sistema caracterizado por alterações cíclicas nos modos de construção da imagem externa do indivíduo, e retomava a silhueta usada em meados do século XIX, em que, vendo-se de baixo para cima, a arquitetura da figura feminina iniciava com uma saia elevada convergindo para a cintura mínima, a sustentar seios ogivais. A novidade, ou a renovação de um velho estilo, enfrentou polêmicas, como campanhas contra o seu uso, mas encantou – e vestiu! – mulheres do mundo inteiro ao longo dos dez anos seguintes à sua re(invenção), sendo mais duradouro do que o próprio Christian Dior poderia imaginar. (QUINTINO, 2015, P.13,14)

Logo depois, a *Ligne Corolle* foi rebatizada pela editora de moda norte-americana Carmel Snow, que depois de assistir o primeiro desfile do estilista, exclamou: “*wow, this is a new look!*”. O visual passou a ser reconhecido pelas revistas e livros de história da moda como: o *New Look* de Christian Dior (Figura 1).

A importância da peça para os arquivos da moda é enorme, o *New Look* com sua magnífica saia *corolle* é considerado como a primeira moda a atingir todos os continentes. O visual foi acolhido e super elogiado pela crítica da moda. No entanto, a extravagância do produto gerou muita polêmica, primeiro pelo custo da peça, pois cada saia usava entre 10 e 25 metros de tecido, demasiado para uma época marcada pela recessão econômica da pós-guerra, e depois por ser qualificado por alguns como uma tentativa de limitar e coibir a liberdade feminina.

Segundo Quintino, sua adoção por mulheres dos quatro cantos do planeta enfatizou a separação entre os sexos:

propiciada pelo apelo erótico das curvas arquitetadas nas dobras e franzidos dos panos, enchidos e armados com a intenção

de criar volumes para a edificação de uma forma feminina semelhante à ampulheta, ou, como se disse no Brasil, o corpo-violão. (QUINTINO, 2015, P.14)

Para o autor, o *new look* e sua saia contribuíram para a construção de uma imagem feminina associada à maternidade, imagem bem comum na publicidade da época que apresentava a mulher como mãe, esposa, filha e amiga: a rainha e dona absoluta do lar.

Para alguns historiadores (QUINTINO, 2015), Christian Dior queria que as mulheres voltassem para casa e abandonassem o trabalho remunerado que tinham realizado durante a guerra e a vestimenta por ele projetada pedia precisamente isso, já que ficava quase impossível para a mulher desempenhar qualquer atividade usando o figurino. Após décadas de guerra, racionamento, mortes e tristeza, a moda celebrava a volta da mulher para a casa.

Apesar da polêmica envolvida em torno do lançamento, Christian Dior conseguiu reinventar a moda feminina dos anos 1950 e dar brilho à figura desgastada das mulheres da época. O *new look* passou a ser reconhecido como uma das peças mais icônicas da história da moda.



Alguns anos depois de Christian Dior ter encantado as mulheres dos cinco continentes e ter-lhes devolvido a feminidade por meio do vestuário com o afamado *new look*, uma performance elaborada por um artista brasileiro intitulada “experiência n.3”, também chamou a atenção do mundo.

Flávio Resende de Carvalho foi um dos nomes mais respeitados da geração modernista brasileira. Viveu grande parte de sua vida em São Paulo, onde realizou a maioria de suas produções e ações culturais. Foi pintor, desenhista, arquiteto, cenógrafo, decorador, escritor, teatrólogo, engenheiro entre outros rótulos. Em sua versatilidade de atuações, Flávio de Carvalho se colocava como um agitador que desmembrava e propunha remodelações na cultura que o inseria.

Além de surpreender com a multidisciplinaridade e o caráter diverso de suas atividades artísticas, o intelectual brasileiro fez história com suas controversas intervenções

Figura 1 - *New Look*
Dior, Fonte: <http://modahistorica.blogspot.com/2013/05/1947-o-new-look-dior.html>

públicas. Segundo Mattar (1999), Carvalho, incentivado pela preocupação com a dimensão humana do mundo, procurou, por meio das suas performances, desenvolver projetos provocativos e irreverentes para promover reflexões sociais.

No dia 18 de outubro de 1956, na cidade de São Paulo, o artista desfilou pelas principais ruas da capital paulistana com um traje aberrante para a época (figura 2), que foi chamado pela imprensa de “traje do homem do futuro”, o conjunto era formado por um blusão e minissaia masculina. Para Ferreira (2019), o que torna o traje ainda mais significativo é o ato do artista projetar a saia acima dos joelhos. Esta ação de vestir saia curta em 1956 antecipa o movimento de emancipação feminina simbolizado pela criação da minissaia pela estilista inglesa Mary Quant na década de 1960. Lotufo descreve assim a controversa e criticada marcha de Flávio de Carvalho:

saiu de seu ateliê no nº. 297 da Rua Barão de Itapetininga, percorreu as ruas centrais da cidade de São Paulo chegando até o saguão da sede do jornal Diários Associados, vestindo blusa amarela de mangas curtas, saia verde de comprimento acima dos joelhos, meias de rede, sandálias de couro e um pequeno chapéu de náilon branco transparente. (LOTUFO, 2009, P.8)

Mas, o polêmico passeio não foi coisa improvisada. Acontece depois de muitos estudos e reflexão por parte do autor. Segundo Lotufo (2009), a trajetória criativa, que culminou na Experiência nº. 3, está presente nos 39 artigos escritos por ele, analisando as mudanças dos trajes femininos e masculinos no decorrer do tempo, e publicados pelo jornal Diário de São Paulo.

Em algumas dessas publicações, o artista Flávio de Carvalho (2010), criticando a vestimenta adotada pelo povo brasileiro, escreveu que a moda masculina da época era sobrevivência da calça, colete e casaco do século XVII e possuía ainda as cores sombrias e escuras imposta à burguesia pela nobreza como condição depreciativa. Assim, inconformado por essa situação, ele apresenta seu *new look*, propondo uma nova forma de vestir para o homem que mora nos trópicos.

Figura 2 - *New look*,
Flávio de Carvalho.
Fonte: [https://
artebrasil.com.br/
arte/flavio-de-carvalho-
uma-experimentacao-
permanente](https://artebrasil.com.br/arte/flavio-de-carvalho-uma-experimentacao-permanente).

De acordo com Ferreira (2019), o artista teve sempre a coragem de se portar como um iconoclasta que quebra mitos de uma tradição colonizadora, tida por ele como ultrapassada. Ele rejeitava a vestimenta herdada pelos europeus, alegando não fazer sentido nenhum em um país tropical com um clima quente e úmido como o Brasil. Na opinião dele, o típico traje masculino não estaria de acordo com os conhecimentos do homem contemporâneo e com seu desenvolvimento cerebral. A sua proposta (o *new look*), levava em consideração a ventilação do corpo e possibilitava a evaporação do suor com maior rapidez.

Para Chiarelli (1999), a Experiência nº 3 pode ser vista como uma manifestação narcisista, porém com uma preocupação relacionada à liberdade do homem contemporâneo, numa sociedade que tendia a subjugar-lo ao fluxo implacável do capital, perceptível no contexto urbano de uma cidade como São Paulo.



Não é à toa que Flávio de Carvalho intitulou sua criação de “*new look*”, a mesma designação da proposta de silhueta feminina, apresentada por Christian Dior alguns anos antes, que tinha como peça principal a famosa saia *Corolle*. Para Lotufo (2009), o artista se apropriou, ironicamente, de um termo estrangeiro para enfatizar seu descontento com uma maneira de vestir importada de outras culturas e não apropriadas para o clima tropical.

Com o termo *new look*, Carvalho também desafia o emblema da masculinidade hegemônica nas sociedades ocidentais, questionando as convenções do vestir masculino e feminino e as normas da indústria da moda impostas pela capital francesa com pretensões de adoção universal.

Segundo Garza (2015), a minissaia utilizada por ele deixava ao descoberto as pernas masculinas, que tinham permanecido escondidas atrás das calças durante décadas. O seu corpo feminilizado e exposto como um objeto de desejo invertia os papéis dos sexos e as políticas do olhar tradicional, em que os homens têm um papel ativo que olha e as mulheres um papel passivo que recebe os olhares.

A proposta de vestimenta de Flávio de Carvalho, com sua polêmica minissaia, não era apenas uma supérflua criação de moda, pois não era essa sua intenção, mas muito mais um questionamento de cunho antropológico e social. Com sua visão da saia como uma peça confortável e adequada para o contexto brasileiro, entregava a ela uma acepção livre de gênero, tirando dela seu significado histórico.

Foi por meio da moda, especificamente do *new look*, que Carvalho sintetizou e externalizou todo o conhecimento adquirido ao longo de sua carreira artística, apresentando por meio da saia sua ideia de um ser humano livre de tabus do passado e consciente em sua evolução social.

A minissaia do “traje do homem do futuro” não só era adequada para o clima brasileiro, mas representava um modelo antecipador de acontecimentos que contribuiriam ao nivelamento social entre os sexos. Para Moreschi (2020), o artista decodifica e codifica nas roupas profecias sobre o destino histórico. A roupa utilizada na experiência n.3 estaria tentando contar à sociedade da década de 1950 que, num futuro próximo, haveria uma sociedade um pouco mais justa, moderna e equilibrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final dos anos 40, depois de uma época marcada pelo pragmatismo e a escassez econômica, a saia volta com todo seu esplendor. Deixando para trás os escuros tempos passados, o *New Look* de Christian Dior devolve ao guarda-roupa das mulheres todo o glamour, o luxo e a beleza que a guerra havia roubado. A famosa saia *Corolle*, que destacava e expandia a silhueta feminina, atravessou toda a década de 1950 e se manteve como base para a maioria das criações desse período, contribuindo, assim, para a construção de uma identidade de gênero que associava o sexo feminino com o lar.

Exatamente nove anos após o lançamento da coleção “*Corolle*”, Flávio de Carvalho, caminha pelas ruas paulistanas com seu *new look*, composto por uma minissaia e caracterizado por ter, segundo o artista, um *design* funcional e adequado para o homem dos trópicos, pois ele afirmava que os modelos importados da Europa não condiziam com o clima brasileiro, por conta do tecido pesado utilizado e pelo corte incômodo.

Embora não haja uma concretude sobre a influência direta da criação de Christian Dior sobre Flávio de Carvalho, há a coincidência do nome “*new look*” e uma proposta contraditória ao conceito apresentado pelo designer francês, na qual pretendia claramente uma nítida diferenciação dos sexos no vestuário. O fato é que, mesmo em contextos diferentes, em sociedades distintas, com diferentes discursos e ideologias, ambos os *designers* souberam imprimir suas convicções por meio da roupa e demonstrar ao mundo como o ato de vestir é uma prática social complexa que carrega inúmeros significados. Por meio da mesma peça de vestuário, a saia, os artistas conseguiram, no caso de Dior reafirmar e no caso de Carvalho questionar, algumas categorias binárias como masculino e feminino.

O legado de ambos é inquestionável, estes artistas fazem parte de uma vanguarda que criou cânones na história da arte e da moda. O *new look*, tanto o francês como o brasileiro, evidencia o grande poder da vestimenta para mudar e questionar dinâmicas e comportamentos sociais.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Flávio de. **A moda e o novo homem**. São Paulo: Azougue, 2010.

CHIARELLI, Tadeu, **Flávio de Carvalho: Questões sobre a arte da ação**. Catálogo da Exposição Flávio de Carvalho – 100 anos de um revolucionário romântico. 1999.

FERREIRA, Paulo de. **Corpo trajado: liberdade em Flávio de Carvalho**. MG: UFU, 2019

GARZA, Claudia de la. **El papel de la falda**. México: UNAM, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero: a moda e seus destinos na sociedade moderna**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

LOTUFO, Flávio. **O Processo criativo de Flávio de Carvalho ao elaborar sua Experiência nº. 3**. 2009.

MATTAR, Denise. **Flávio de Carvalho: 100 anos de um revolucionário romântico**. Rio de Janeiro: CCBB-RJ, 1999.

MORESCHI, Marcelo. **The second coming of Flávio de Carvalho's Bones**. Campinas: Remate de males, 2020.

QUINTINO, João. **Moda e gênero: o vestuário sexualizado no New Look de Christian Dior (anos 1950)**, Caicó: mneme, 2015.

